

DOMINGO XIV DO TEMPO COMUM

CIC 2581-2584: os profetas e a conversão do coração

2581 O templo devia ser, para o povo de Deus, o lugar da sua educação para a oração: as peregrinações, as festas, os sacrifícios, a oblação vespertina, o incenso, os «pães da proposição», todos esses sinais da santidade e da glória do Deus altíssimo e tão próximo, eram apelos e caminhos de oração. Muitas vezes, porém, o ritualismo arrastava o povo para um culto demasiadamente exterior. Faltava-lhe a educação da fé e a conversão do coração. Foi essa a missão dos profetas, antes e depois do Exílio.

2582 Elias é o pai dos profetas, da «geração dos que procuram a Deus, dos que procuram a face do Deus de Jacob»¹. O seu nome – «O Senhor é o meu Deus» – é prenúncio do grito do povo em resposta à sua oração no monte Carmelo². São Tiago remete para ele quando nos incita à oração: «Muito pode a oração persistente dum justo» (Tg 5, 16)³.

2583 Depois de ter aprendido a misericórdia no seu retiro na torrente de Querit, ensina à viúva de Sarepta a fé na Palavra de Deus, fé que ele confirma com a sua oração insistente: Deus faz voltar à vida o filho da viúva⁴.

Aquando do sacrifício no monte Carmelo, prova decisiva para a fé do povo de Deus, é em resposta à sua súplica que o fogo do Senhor consome o holocausto, «à hora de oferecer o sacrifício da tarde». «Responde-me, Senhor, responde-me!» são as palavras de Elias, que as liturgias orientais retomam na epiclesse eucarística⁵.

Finalmente, retomando o caminho do deserto em direcção ao lugar onde o Deus vivo e verdadeiro Se revelou ao seu povo, Elias recolheu-se, como Moisés, «na cavidade do rochedo», até «passar» a presença misteriosa de Deus⁶. Mas será somente no monte da transfiguração que Se mostrará sem véu Aquele cuja face eles procuravam⁷: o conhecimento da glória de Deus está na face de Cristo, crucificado e ressuscitado⁸.

2584 É no «a sós com Deus» que os profetas vão haurir luz e força para a sua missão. A sua oração não é uma fuga do mundo infiel, mas uma escuta da Palavra de

¹ Cf. Sl 24, 6.

² Cf. 1 Rs 18, 39.

³ Cf. Tg 5, 16-18.

⁴ Cf. 1 Rs 17, 7-24.

⁵ Cf. 1 Rs 18, 20-39.

⁶ Cf. 1 Rs 19, 1-14; Ex 33, 19-23.

⁷ Cf. Lc 9, 30-35.

⁸ Cf. 2 Cor 4, 6.

Deus, às vezes um debate ou uma queixa e sempre uma intercessão que espera e prepara a intervenção do Deus Salvador, Senhor da história⁹.

CIC 436: Cristo, o Profeta

436 *Cristo* vem da tradução grega do termo hebraico «Messias», que quer dizer «ungido». Só se torna nome próprio de Jesus porque Ele cumpre perfeitamente a missão divina que tal nome significa. Com efeito, em Israel eram ungidos, em nome de Deus, aqueles que Lhe eram consagrados para uma missão d'Ele dimanada. Era o caso dos reis¹⁰, dos sacerdotes¹¹ e, em raros casos, dos profetas¹². Este devia ser, por excelência, o caso do Messias, que Deus enviaria para estabelecer definitivamente o seu Reino¹³. O Messias devia ser ungido pelo Espírito do Senhor¹⁴, ao mesmo tempo como rei e sacerdote¹⁵, mas também como profeta¹⁶. Jesus realizou a expectativa messiânica de Israel na sua tríplice função de sacerdote, profeta e rei.

CIC 162: a perseverança na fé

162 A fé é um dom gratuito de Deus ao homem. Mas nós podemos perder este dom inestimável. Paulo adverte Timóteo a respeito dessa possibilidade: «Combate o bom combate, guardando a fé e a boa consciência; por se afastarem desse princípio é que muitos naufragaram na fé» (*1 Tm* 1, 18-19). Para viver, crescer e perseverar até ao fim na fé, temos de a alimentar com a Palavra de Deus; temos de pedir ao Senhor que no-la aumente¹⁷; ela deve «agir pela caridade» (*Gl* 5, 6)¹⁸, ser sustentada pela esperança¹⁹ e permanecer enraizada na fé da Igreja.

CIC 268, 273, 1508: a força torna-se perfeita na fraqueza

268 De todos os atributos divinos, só a onipotência é nomeada no Símbolo: confessá-la é de grande alcance para a nossa vida. Nós acreditamos que ela é *universal*, porque Deus, que tudo criou²⁰, tudo governa e tudo pode; *amorosa*, porque Deus é nosso Pai²¹; *misteriosa*, porque só a fé a pode descobrir, quando «ela actua plenamente na fraqueza» (*2 Cor* 12, 9)²².

⁹ Cf. *Am* 7, 2.5; *Is* 6, 5.8.11; *Jr* 1, 6; 15, 15-18; 20, 7-18.

¹⁰ Cf. *1 Sm* 9, 16; 10, 1; 16, 1.12-13; *1 Rs* 1, 39.

¹¹ Cf. *Ex* 29, 7; *Lv* 8, 12.

¹² Cf. *1 Rs* 19, 16.

¹³ Cf. *Sl* 2, 2; *Act* 4, 26-27.

¹⁴ Cf. *Is* 11, 2.

¹⁵ Cf. *Zc* 4, 14; 6, 13.

¹⁶ Cf. *Is* 61, 1; *Lc* 4, 16-21.

¹⁷ Cf. *Mc* 9, 24; *Lc* 17, 5; 22, 32.

¹⁸ Cf. *Tg* 2, 14-26.

¹⁹ Cf. *Rm* 15, 13.

²⁰ Cf. *Gn* 1,1; *Jó* 1, 3.

²¹ Cf. *Mt* 6, 9.

²² Cf. *1 Cor* 1, 18.

- 273** Só a fé pode aderir aos caminhos misteriosos da onipotência de Deus. Esta fé gloria-se nas suas fraquezas, para atrair a si o poder de Cristo²³. Desta fé é modelo supremo a Virgem Maria, pois acreditou que «a Deus nada é impossível» (*Lc 1, 37*) e pôde proclamar a grandeza do Senhor: «O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas; ‘Santo’ – é o seu nome» (*Lc 1, 49*).
- 1508** O Espírito Santo confere a alguns o carisma especial de poderem curar²⁴ para manifestar a força da graça do Ressuscitado. Todavia, nem as orações mais fervorosas obtêm sempre a cura de todas as doenças. Assim, São Paulo deve aprender do Senhor que «a minha graça te basta: pois na fraqueza é que a minha força actua plenamente» (*2 Cor 12, 9*), e que os sofrimentos a suportar podem ter como sentido que «eu complete na minha carne o que falta à paixão de Cristo, em benefício do seu corpo, que é a Igreja» (*Cl 1, 24*).

²³ Cf. *2 Cor 12, 9; Fl 4, 13*.

²⁴ Cf. *1 Cor 12, 9.28.30*.